



AMÉRICA DO SUL

Lasso dissolve Congresso e convoca eleições no Equador

Presidente se antecipa a possível destituição em julgamento político e ativa a "morte cruzada". Mecanismo sem precedentes no país foi adotado sob justificativa de "grave crise política e comoção interna". Especialistas avaliam cenário político

» RODRIGO CRAVEIRO

Submetido a um julgamento político pela Assembleia Nacional e sob risco de destituição, o presidente do Equador, Guillermo Lasso, lançou mão de um recurso inédito na história do país: a chamada "morte cruzada". Ele dissolveu o Congresso e pediu ao Conselho Nacional Eleitoral (CNE) a convocação de eleições gerais antecipadas. Às 7h (9h em Brasília), Lasso anunciou a medida em discurso transmitido por rede nacional de televisão e de rádio, cercado por ministros: "Decidi aplicar o artigo 148 da Constituição, que me outorga a faculdade de dissolver a Assembleia". "É uma decisão democrática não apenas porque é constitucional, mas porque devolve ao povo equatoriano a possibilidade de decidir", declarou Lasso.

O Decreto Executivo nº 741, assinado pelo chefe de Estado, determina a dissolução da Assembleia Nacional "por grave crise política e comoção interna". "Notifique-se o CNE para que convoque eleições dentro do prazo de sete dias. (...) Notifique-se a Assembleia Nacional sobre o fim do mandato para os quais foram designados os congressistas", afirma o documento. Acusado pelos parlamentares de esquerda de suposta corrupção em contratos de transporte de petróleo, Lasso somente poderia ativar a "morte cruzada" uma única vez nos três primeiros anos de mandato.

Empossado em 24 de maio de 2021, o líder de direita não foi poupado pelo ex-presidente de esquerda Rafael Correa (2007-2017), o principal adversário político. Correa classificou a "morte cruzada" como ilegal. "É óbvio que não existe nenhum estado de comoção interna, mas um julgamento político, em aplicação da Constituição. Em todo caso, essa é a grande oportunidade para mandar para casa Lasso, seu governo e seus legisladores de aluguel", escreveu

Bolivar Parra/Presidência do Equador/AFP



Cercado por ministros, Guillermo Lasso (C) faz o pronunciamento em rede nacional de televisão: "O Equador tem a necessidade de um novo pacto político e social"

no Twitter. Depois do discurso do presidente, a Assembleia Nacional e o Palácio de Carondelet, sede do Executivo, no centro de Quito, foram cercados por policiais.

Professor de ciência política da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), em Quito, Simón Pachano afirmou ao **Correio** que a decisão de Lasso era previsível. "A outra opção seria a destituição do presidente por parte da Assembleia Nacional. Ele não teria como confiar no número de votos que conquistaria a seu favor no julgamento político. Era matar ou morrer, ainda que em casos ambos morram", disse. "Era a escolha menos grave para o país, pois não seria necessário formar um novo governo, o que teria ocorrido se ele fosse destituído e substituído pelo vice-presidente."

Pachano não crê que Lasso saia enfraquecido com a medida. "A imagem da Assembleia Nacional era muito negativa, até pior que a dele. Além disso, a 'morte cruzada' abre caminho para eleições das quais os próprios deputados poderão participar."

ASAMBLEA NACIONAL



Policiais guardam o prédio da Assembleia Nacional, no centro de Quito

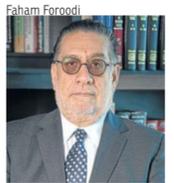
Por sua vez, o advogado Mario Prado Mora — especialista em direito público baseado em Quito — lembrou à reportagem que a Constituição do Equador, redigida em 2008, tem caráter hiperpresidencialista. "Ela foi feita à imagem e à semelhança do então presidente Rafael Correa, que lutou para incluir a figura da dissolução da Assembleia Nacional, quando a nação enfrenta grave crise política e comoção interna durante o julgamento do chefe de Estado", observou.

De acordo com Mora, Lasso recorreu a essa norma, como meio de afastar o risco de impeachment. "O problema subjacente está na quase inexistência de institucionalidade no país, o que leva a Constituição e a lei a serem aplicadas de maneira referencial", disse. Poucas horas depois do anúncio da dissolução da Assembleia Nacional, não houve grandes protestos contrários à decisão. Para o advogado, isso indica que a maioria dos equatorianos experimenta alívio com a dissolução da Assembleia Nacional.

Especialista em direito constitucional da Universidad del Azuay, em Cuenca (476km ao sul de Quito), Sebastián López Hidalgo também admitiu ao **Correio** que a decisão do presidente é uma faculdade prevista pela Carta Magna. No entanto, ele ressalta que a medida "não pode ser um aplicativo abstrato e sem pertinência ou justificativa da causa invocada". "O causal previsto no artigo 148 da Constituição exige a justificativa ou pertinência dentro de uma 'grave crise política e comoção interna'. Algo que parece forçado", alertou. Ele entende que, por meio da "morte cruzada", Lasso tenta fugir de uma possível censura e destituição.

Ainda segundo Hidalgo, Lasso e o governo ficaram fragilizados depois da decisão. O mais grave, ele pondera, é que o Equador está desprovido de Parlamento. "O presidente poderá voltar a ser candidato nas eleições, mas será complicado voltar ao poder. Setores da oposição, inclusive, falam de uma nova Constituição, que também não resolverá os problemas mais prementes do Equador."

Eu acho...



"O presidente Guillermo Lasso aplicou uma norma constitucional vigente. A consequência desta decisão é que o Equador entrará no trâmite de uma eleição presidencial de 137 novos congressistas, com toda a instabilidade e incerteza que isso provoca. O país está polarizado entre os seguidores do ex-presidente Rafael Correa e seus opositores, que, certamente, irão às eleições divididos."

Mario Prado Mora, advogado, especialista em direito público baseado em Quito



"Vejo dias difíceis para o sistema democrático e institucional do Equador. Os partidos da oposição buscam ignorar a aplicação da 'morte cruzada' e tentarão impugnar a medida ante a Corte Constitucional. Mas, acho difícil que a Corte entre nesse jogo político. De imediato, teremos a convocação de novas eleições presidenciais e legislativas para um mandato de somente 1 ano e meio. Até lá, o presidente Lasso governará por decreto-lei econômico controlado pela Corte, sem discussão parlamentar."

Sebastián López Hidalgo, professor de direito constitucional da Universidad del Azuay, em Cuenca (476km ao sul de Quito)

Milagre na selva colombiana

O milagre comoveu a Colômbia e foi celebrado pelo presidente Gustavo Petro. Quatro crianças indígenas passaram 17 dias perambulando pela Amazônia colombiana e foram encontradas vivas, ontem, depois de um acidente com um avião de pequeno porte. Três crianças — de 13, 9 e 4 anos — e um bebê de 11 meses estavam perdidos desde 1º de maio, quando a aeronave em que viajavam caiu, supostamente afetada por uma falha mecânica.

"Depois do árduos trabalhos de buscas das nossas Forças

Militares, encontramos com vida as quatro crianças que tinham desaparecido após o acidente", informou Petro, por meio do Twitter. O acidente aéreo ocorreu entre os departamentos (estados) de Guaviare e Caquetá, no sul do país.

Liderados por militares, os trabalhos de busca terminaram com um balanço de três mortos, inclusive o piloto da aeronave e a mãe das quatro crianças da etnia huitoto. Mais de cem soldados com cães farejadores seguiram o rastro das crianças e

Exército da Colômbia/AFP



Cães farejador checa tesoura encontrada no local do acidente: mais de 100 soldados foram mobilizados nas buscas pelas quatro crianças em área de floresta densa

caminharam pela selva entre os estados de Caquetá, onde a aeronave foi encontrada com a parte da frente destruída, e Guaviare, no sul do país.

Os soldados encontraram um "abrigo construído de maneira improvisada com gravetos e galhos". Tesouras, fitas de cabelo, sapatos, roupas e uma mamadeira, achados no meio da mata, serviram de pistas. Os soldados também se depararam com "frutas de floresta mordidas", disse à

agência France-Presse Germán Camargo, diretor da Defesa Civil no departamento (estado) de Meta, de onde os trabalhos de resgate e retirada dos corpos das vítimas do acidente foram coordenados.

Árvores gigantes de até 40 metros, animais selvagens e fortes chuvas dificultaram as buscas. A Força Aérea se somou à Operação Esperança, com três helicópteros que sobrevoaram a mata densa.

ESTADOS UNIDOS

Porta-voz diz que Harry e Meghan foram perseguidos por paparazzi

O príncipe Harry e sua mulher, Meghan Markle, sofreram uma "perseguição de carro quase catastrófica" envolvendo paparazzi, na noite de terça-feira, em Nova York, de acordo com um porta-voz do casal. O incidente, envolto em versões contraditórias, ocorreu depois que o filho do rei Charles III e a ex-atriz norte-americana participaram de uma cerimônia de premiação na capital financeira dos Estados Unidos. A mãe de Meghan, Doria Ragland, estava no carro com o casal, conforme o comunicado enviado por e-mail pelo porta-voz à agência France-Presse.

"Ontem à noite (terça-feira),

o duque e a duquesa de Sussex e a senhora Ragland se viram envolvidos em uma perseguição automobilística quase catastrófica nas mãos de um grupo muito agressivo de paparazzi", acrescentou. O porta-voz assegurou que o incidente "implacável" poderia ter causado "acidentes" com outros carros, assim como com pedestres e dois policiais. "Embora ser uma figura pública desperte um certo nível de interesse público, isso nunca deve ser feito às custas da segurança de ninguém", afirmou.

O taxista Sukhcham Singh,

Angela Weiss/AFP



Meghan e Harry foram a uma premiação, na terça-feira, em Nova York

entrevistado pelo jornal *The Washington Post*, disse ter levado o casal e um segurança por uns dez minutos, e pôs em dúvida o termo "perseguição". "Nunca me senti em perigo. Não foi uma perseguição como em um filme. Estavam calados e pareciam assustados, mas isto é Nova York. É (uma cidade) segura", afirmou. Por sua vez, o subdelegado Julian Philips — porta-voz do Departamento de Polícia de Nova York — garantiu que "o duque e a duquesa de Sussex chegaram ao seu destino" e não informou se houve colisões, intimações, feridos ou prisões.

Harry, 38 anos, e Meghan, 41, participaram da cerimônia da Ms. Foundation for Women, onde a atriz recebeu um prêmio. Uma fonte próxima ao casal disse que Meghan e Harry foram perseguidos por cerca de cinco carros com "pessoas não identificadas que dirigiam de forma imprudente e colocaram em risco o comboio e todos ao seu redor". "A perseguição poderia ter sido fatal", acrescentou a fonte, afirmando que uma série de possíveis infrações de trânsito foram cometidas, incluindo dirigir na calçada, ultrapassar o sinal vermelho e dirigir de ré em uma rua de mão única.